

Crise lota consultórios e aumenta venda de remédios

BRASÍLIA — Com o novo Governo, surgiu uma outra categoria social no Brasil: o novo pobre. Com a inflação rondando a casa dos 20%, uma recessão que leva o empresariado à concordata e a falta de perspectiva de mudanças à médio prazo, o novo pobre está lotando consultórios e colocando em moda uma série de síndromes. O reflexo psicosomático, a ansiedade, catastrófica e a tristeza estrutural são as palavras mais usadas para caracterizar as doenças da crise econômica.

Como o processo é recente, os números são escassos. Mas os médicos já detectaram que a crise econômica é a responsável pela grande maioria dos sintomas de enfermidades que surgiram este ano. O cardiologista, geralmente, é o primeiro a ser procurado. O peso no peito, a dificuldade para encher o pulmão, as palpitações e a insônia são os principais sinais sentidos pelos pequenos e micros empresários, pelo comerciante e pelo profissional autônomo. Dado o alarme, ou ele corre ao pronto-socorro ou pede uma consulta urgente. Feito o exame, o medicamento mais comum é o tranquilizante.

— Tenho atendido pessoas que se julgam doentes. Elas se queixam da situação geral do País e tudo o que têm é ansiedade — afirma o Presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, Michel Batlouni.

Mas é ele mesmo quem diz que

a tensão emocional excessiva não é causa de nenhuma doença, mas sim um fator que precipita várias enfermidades. Está se tornando cada dia mais comum que os hipertensos piores seu estado geral, que os ulcerados voltem a seu gastroenterologista e que ocorram mais e mais bronquites asmáticas detonadas pela angústia e ansiedade. Apesar de o Ministério da Saúde não ter cifras sobre o aumento da procura médica, um bom referencial é a crescente demanda de medicamentos.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma), a procura de medicamentos contra a hipertensão e por tranquilizantes tem crescido nos últimos anos. Em 1988, foram vendidos 53,4 milhões de embalagens de antihipertensivo. No ano passado, este número cresceu para 62,8 milhões (mais 17,6%) e agora, com o Governo Collor, já foram vendidos 68,6 milhões. Ou seja, 28,4% a mais que em 1988.

Mas, o consumo maior ficou mesmo por conta dos tranquilizantes. Os brasileiros compraram 26,4 milhões de unidades de calmantes em 1988, crescendo este consumo para 32,2 milhões de unidades em 1989. Mas, depois da hiperinflação do início do ano e do Plano Collor, que confiscou a poupança da classe média e agora impõe uma recessão econômica, o brasileiro já tomou 42,3 milhões de

caixas de tranquilizantes para tentar amenizar sua ansiedade. O aumento do uso de tranquilizantes subiu exatamente 60,2%, em apenas um ano.

O combate à inflação, com seus efeitos maléficos (desemprego, falta de dinheiro, achatamento salarial, queda nas vendas e na qualidade de vida) tem sido responsabilizado pela aparição de novos pacientes nos consultórios psiquiátricos. Nos divãs particulares a clientela mudou.

— Surgiu uma nova elite financeira no País. Há um excesso de remuneração em determinados setores, como no Poder Judiciário, por exemplo, em detrimento do profissional liberal — afirma o psicanalista Eduardo Mascarenhas.

Uma pesquisa demonstra que 62% da população têm um ânimo negativo em relação ao País e apenas três em cada dez entrevistados são otimistas quanto ao futuro brasileiro. A crise e a falta de perspectivas, segundo os analistas, levam as pessoas a ficarem infelizes e paralisadas, sem condições de reagir. O resultado está em uma pesquisa encomendada pelo Ministério da Saúde: 17% da população brasileira sofre de problemas mentais. Dado ainda mais preocupante que o da Organização Mundial de Saúde (OMS), que indica que 13% da população brasileira possui algum distúrbio mental decorrente das condições sócio-econômicas do País.